

importância dos macrófagos neste cenário. Portanto, o objetivo do estudo é avaliar a polarização de macrófagos no remodelamento do VD em modelo de hipertrofia adaptativa de hipóxia contínua crônica. Para indução da hipertrofia adaptativa do VD, ratos Wistar machos adultos foram expostos à hipóxia crônica moderada e continuada (10% de oxigênio, normobárica), durante quatro semanas. Nenhuma re-oxigenação ocorreu durante esse período, pois há uma antecâmara onde os pesquisadores e a atmosfera são ambientados a 10% antes de terem acesso aos animais. Os animais do grupo controle foram mantidos pelo mesmo período de tempo ao ar ambiente. Ao final de quatro semanas, o coração foi removido, dissecado, o VD foi pesado e encaminhado para análises. A fibrose miocárdica foi determinada por análise histológica, com a coloração de PicroSirius Red. O fenótipo dos macrófagos foi determinado por PCR em tempo real com sondas para macrófagos totais (Cd68), macrófagos M1 (Cd86) e M2 (Mrc1) e normalizadas com Actb. O peso do VD corrigido pelo peso corporal apresentou um aumento de 3,3 vezes (normóxia: 0.52 ± 0.007 mg/g; hipóxia: 1.74 ± 0.07 mg/g; $P < 0,05$). Apesar da hipertrofia tecidual, houve uma redução de 20% na fibrose ($P < 0,05$), que se apresentava de forma difusa no tecido. Observou-se um aumento de 70% de marcador de macrófagos totais, indicando infiltração tecidual no VD dos animais expostos à hipóxia. A análise desses macrófagos sugere uma polarização preferencial para o subtipo M2, com um aumento de 3,8 vezes. A partir desses resultados foi possível detectar que o modelo de hipertrofia do VD induzida por hipóxia é adaptativa e apresenta um ambiente antifibrótico e anti-inflamatório. Unitermos: Hipertrofia; Macrófagos; Hipóxia.

P1649

Prevalência de tempo excessivo de tela e tempo de TV em adolescentes brasileiros: revisão sistemática e meta-análise

Mariana Sbaraini da Silva, Camila W. Schaan, Felipe V. Cureau, Karen Sparrenberger, Harold W. Kohl III, Beatriz D. Schaan - HCPA

Introdução: Comportamentos não saudáveis, como inatividade física e tempo sedentário excessivo, podem estabelecer-se durante a infância e adolescência e serem mantidos durante a vida adulta. Em adolescentes, maior tempo em frente a telas é associado com maior número de fatores de risco cardiometabólicos, menor condicionamento físico, baixa autoestima e pior estado de saúde mental. Informação quanto à prevalência de tempo excessivo em frente a telas no Brasil já foi compilada em revisões sistemáticas, mas com inconsistências metodológicas. **Objetivo:** Avaliar a prevalência de tempo excessivo de tela e de TV em adolescentes brasileiros através de revisão sistemática com meta-análise. **Métodos:** Trata-se de revisão sistemática com meta-análise que incluiu estudos observacionais (coorte ou transversais) que avaliaram a prevalência de tempo excessivo de tela (ou seja, combinações que envolvem diferentes comportamentos baseados em tempo de tela) ou tempo em frente à TV (≥ 2 horas/dia ou > 2 horas/dia em frente à tela) por avaliação direta ou indireta em adolescentes com idades entre 10 a 19 anos. A busca incluiu as bases de dados MEDLINE, LILACS, SciELO e ADOLEC. A estratégia de busca incluiu termos como “tempo de tela”, “Brasil” e “prevalência”. Modelos de efeitos aleatórios foram utilizados para estimar a prevalência de tempo excessivo de tela em diferentes categorias. **Resultados:** Dos 775 estudos identificados na busca, 28 atenderam aos critérios de inclusão. A prevalência de tempo excessivo de tela e tempo de TV foi de 70,9% (IC de 95%: 65,5 a 76,1) e 58,8% (IC de 95%: 49,4 a 68,0), respectivamente. Não houve nenhuma diferença entre os sexos nas duas análises. A prevalência de tempo excessivo de tela tendeu a ser maior em adolescentes mais velhos (15-19 anos) em comparação com os mais novos (10-14 anos). A região Nordeste obteve a menor prevalência dentre as regiões, porém, houve grande heterogeneidade nesta análise. A maioria dos estudos incluídos mostrou baixo risco de viés (64,5%), restando 8 estudos classificados com moderado risco (25,8%) e 3 com alto risco de viés (9,7%). **Conclusões:** A prevalência de tempo excessivo de tela e tempo de TV foi alta entre os adolescentes brasileiros. São necessárias intervenções para reduzir o tempo excessivo de tela entre os adolescentes. **Apoio:** CAPES. **Unitermos:** Tempo de tela; adolescentes; risco cardiovascular.

P1660

Eficácia da intervenção educativa para redução do sódio na dieta na pressão arterial de indivíduos hipertensos

Paula Nunes Merello, Marcela Perdomo Rodrigues, Kauane Aline Maciel dos Santos, Núria Marques Sá, Carolina Barcellos Ferreira, Leila Beltrami Moreira - HCPA

Introdução: A eficácia de intervenções não farmacológicas na redução da pressão arterial (PA) está bem evidenciada por diversos estudos. A dieta hipossódica, apesar de eficaz, é de difícil seguimento. Intervenções que auxiliem os pacientes a superar barreiras, poderão melhorar a adesão à dieta hipossódica e, conseqüentemente, o controle da hipertensão. **Objetivo:** Avaliar a eficácia de uma intervenção educativa para restrição de sódio, em pacientes hipertensos no controle dos valores de PA. **Métodos:** Ensaio clínico randomizado, paralelo, não cego, incluindo indivíduos hipertensos em tratamento, não diabéticos, com mais de 40 anos, sem acompanhamento com nutricionista há mais de seis meses. Os participantes alocados para o grupo de intervenção realizaram consulta com nutricionista, receberam orientações educativas a partir das barreiras de adesão à dieta hipossódica identificadas por meio do questionário de restrição de sódio na dieta (DSRQ) e plano alimentar com base em uma dieta DASH. O grupo controle recebeu recomendações gerais para HAS. As sessões de orientação educativa ou de orientações usuais foram realizadas mensalmente, durante seis meses. O DSRQ foi aplicado no início, em oito semanas e no final do seguimento. A monitorização da pressão arterial de 24 horas (MAPA) foi realizada na primeira e na última visita. Avaliação antropométrica, laboratorial, medida de PA e recordatório alimentar de 24 horas (RA24h) foram coletados durante o estudo. **Resultados:** Foram incluídos 83 participantes, 39 no grupo intervenção e 44 no controle, sendo 61,4% mulheres, 68,7% brancos, com idade de 62 ± 9 anos e IMC de $30,2 \pm 5$ Kg/m². Os valores de MAPA basal de 24 h foram de $121,8 \pm 17,9$ mmHg para sistólica e $71,2 \pm 10,9$ mmHg para diastólica no grupo intervenção e $119,3 \pm 14,9$ mmHg e $72,4 \pm 14,1$ mmHg, respectivamente, no grupo controle. Não houve diferença entre os grupos na análise de características basais. Ao final do protocolo, a medida de PA sistólica de 24h foi de $124,9 \pm 17$ mmHg para o grupo intervenção e $119,4 \pm 12,5$ mmHg para o controle ($p = 0,122$), e para PA diastólica foi $75,1 \pm 12,1$ mmHg e $71,5 \pm 10,2$ mmHg, respectivamente, ($p = 0,053$). **Conclusão:** A intervenção educativa de seis meses não foi eficaz em reduzir os níveis de pressão arterial medida pela MAPA em pacientes hipertensos. **Unitermos:** Hipertensão arterial; Dieta hipossódica.

P1667

Tecnologias de monitoramento inovador (Estudo Tim) para reduzir a pressão arterial e promover mudança de estilo de vida utilizando smartphones na população adulta e idosa: protocolo do estudo

Frederico Antonio Reis Brandão, Jefferson Daniel Kunz, Caroline N. de David, Guilherme P. Sesin, Erno Harzheim, Marcelo R. Gonçalves, Leila B. Moreira, Cirano Iochpe, Sandra Costa Fuchs, Flavio Danni Fuchs - HCPA

Introdução: Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) acomete 28,7% de adultos e 69% de idosos no Brasil, sendo menos de um terço os